

# Proprietário está revoltado

José Madeira está preocupado com os invasores reincidentes na sua propriedade. Quando adquiriu 11 hectares não havia casas nas proximidades. "Sou engenheiro agrônomo e queria uma exploração agrícola lá. Hoje, crio animais e produzo leite para as pessoas que ocuparam a área, porque muitas delas têm casa e moram nas proximidades", comentou, irritado.

Na manhã de ontem, ele e o chacareiro responsável pela área, Manoel Xavier do Espírito Santo, 64 anos, foram à Delegacia de Planaltina registrar a ocorrência da invasão. Ronair Esteves Soares, 23 anos, Moacir Onorato de Oliveira, 32 anos, e Josivaldo Nunes Santana, 37, se responsabilizaram pela invasão. "Manoel e a esposa estão apavorados. Têm medo que esse pessoal se volte contra eles, que moram ali", conta. Revoltado, José Madeira descreve as orientações que recebeu para ter a terra de volta: será preciso ir ao Fórum, pedir reintegração de posse e, depois, provavelmente, terá que arcar com os custos.

## O invasor

O executor de serviços gerais Pedro Francisco dos Santos, 23 anos, chegou na noite de terça-feira ao acampamento montado na propriedade de José. "Eu soube pela minha irmã, que mora aqui perto. Eu e o marido dela resolvemos vir para cá". O rapaz, que não tem renda fixa, paga R\$ 120,00 de aluguel. Ele conta que não foi o primeiro a chegar. "A história se espalhou rápido", completa.

Atualmente, Pedro mora em Brasília e trabalha no Plano Piloto. Quer construir uma casa com o cunhado para que possa abrigar, além do casal, ele próprio e uma irmã de 14 anos. Ontem, não foi em busca de trabalho no Plano Piloto. Permaneceu numa das áreas desocupadas, que fica entre os condomínios Estância 2 e 5, em processo de regularização. Com arame nas mãos e algumas estacas, construiu duas vezes o que ele espera que seja a sua casa. "Quem tem imóvel aqui perto dá apoio. Eles dizem que o lugar é muito escuro à noite e não tem segurança", explica.

Há um ano, Zélia comprou um lote numa área do Condomínio Estância 5. Pagou R\$ 1,3 mil em diversas parcelas, com dinheiro emprestado. Poucos meses depois, descobriu que a Divam Imobiliária, de Sobradinho, que vendeu-lhe o terreno, não existia mais. Com lágrimas nos olhos, ela juntava, ontem, os pertences da família, que haviam sido colocados na barraca montada pelo marido, teoricamente, na sua propriedade.

Os funcionários da administração esclareceram, no entanto, que a terra não é pública e que será destinada à construção de uma escola, posto de saúde ou posto policial. "O que eu faço agora?", questionou. O aluguel já está atrasado há três meses e o marido, desempregado. "Estou vivendo com a ajuda dos outros", disse, mostrando um papel amassado que, para ela, é o documento, sem registro em cartório, de que a terra é sua. "Fui enganada. É o meu dinheiro?" (M.M.)